Director e Editor



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano 12.º-N.º 313-

livros e em Mia ler liranhamos ada. Por

deciamos.

nos man-

decentes.

um cam-

algumas

que sem

Crisanto

leira

também

recer o

ome, ou-

os casos

gos, um

ı grande

ncos aci-

do os re-

hão-de

arinho e

encia

iria, 20\$.

- Faial, orto 20\$

ntinos. E

arta, esta

staria de

viúva, in-

10, viven-

funcioná-

de licen-

sem estas

bem mor-seja tudo dê cora-

injustiças

arte só se

frange-me

ouco que

as! Meu

da viúva

a acordar

undo pre-

que des-

o egoismo

a Justiça.

boa, 35\$.

G. F. do

ı da Foz,

Maria Au-

rto, igual

)96, meta-

Idem 9335

ncha, 10\$.

hos, 100\$.

io Mendes

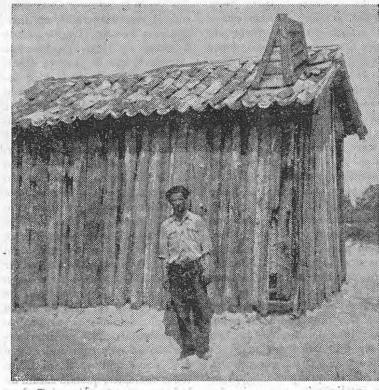
E tan-

ia

iais.

O Júlio acaba de me trazer aqui es dizeres da Circular para nova campanha. Diz ele que é preciso espevitar, senão pode acontecer que a luz se apague e o rapaz não quere. Com isto de cobranças em que Avelino anda ocupado, a tiragem tem diminuído porque muitos há que se aborrecem. Ora nós vamos por gente fresca. Procurar leitores onde quer que es haja. Render fileiras.

Que não tivesse outro mérito esta circular e mesmo que não venha a ser eficaz, ninguém lhe pode roubar ou discutir o valor de ter sido concebida por um rapaz da Casa do Gaiato. Este mesmo Júlio falando-me há tempos dele e de mais dois companheiros do seu escritório, disse-me: olhe que nós somos sacerdotes da Tipografia. Eu desandei a ruminar naquelas palavras. Elas são verdadeiras. Conheço de perto o zelo deste e dos outros dois a quem ele se referia. Fiquei contente. Muito contente. Estou cheio de razão. Muitas vezes tenho pedido aos meus padres e até quando morrer o deixo por escrito; que se não metam nem se façam administradores de bens ou negócios materiais, antes tenham o cuidado e a paciência de formar o rapaz qualificado para aquela missão. Será raro, mas aparece. Já os temos na obra: nós somos sacerdotes da Tipografia. Deus suscitará outros quando e onde for preciso. Os padres da rua não. A missão deles é outra. A alma é mais do que o corpo.



Mais Gala. As «casas» dos pescadores.

Património dos Pobres

A entrega de casas em Leiria tomou ares de um verdadeiro acontecimento. A Calçada do Bravo ao cimo da qual elas são, era um mundo: carros, bicicletas, povo. Muitas cores. Muitos feitios. Muitas idades. Das janelas pendiam ornamentos. Foi muito apreciada a presença dos dois Prelados, sobretudo o Ex.mo Senhor D. José por causa da sua saúde. Autoridades. Muitos sacerdotes. O Seminário. Os estudantes do liceu construiram e apetrecharam duas vivendas. As outras quatro representam o zelo de sacerdotes, de professores, de vicentinos e uma da algibeira dos ex.mos Prelados.

A entrega de moradias na Gala no mesmo dia e à mesma hora, teve o mesmo significado. Não importa quantidade ou qualidade da assistência; os necessitados é que estão em causa por isso mesmo, sempre que tivermos ocasião de mais uma casa entregue, alegremo-nos no Senhor Jesus. Ninguém diga como alguns disseram, dos indigentes de certa freguesia: se não se pode dar uma casa a cada um, não se façam para ninguém. Quer dizer; se num incêndio ou naufrágio sòmente podemos salvar alguns, é melhor deixá-los morrer todos!

A Gala é um extenso e intenso povoado onde a barraca é senhora. Ouvi falar em cem delas! Estive dentro de uma de onde saíu uma família para nova residência. É um recinto de dois por dois. Dentro pai e mãe, e cinco (Cont. na página TRÉS)

Hoje reina já na nossa casa grande animação por causa da venda do nosso jornal «O Gaiato» na cidade de Setúbal.

É que indo vários vendedores ao domingo não costumavam ir muito além dos cinquenta e indo o Joaquim sòzinho no último sábado, vendeu os cem.

O rapaz voltou à noite contente, mas cansado. Ele mesmo com aquele encanto e franqueza que lhe é natural conta que a cada pessoa que oferecia o jornal tinha de estar a explicar o que era isto de Casa do Gaiato, e muitos ainda assim não compravam. E que ninguém lhe ofereceu nada de comer e que teve de comprar três sandes de pão com queijo numa tasca escondida. O rapaz contou isto com tanta convicção e tanta graça que nos encantou.

O Joaquim veio há dias da Casa de Coimbra onde era um dos bons vendedores e onde deixou muitos amigos e por isso fica espantado e não compreende que toda a gente não compre o jor-

Ele veio de pequenino para a Casa do Gaiato. A mãe, uma santa, morreu-lhe deixando cinco filhinhos, dois deles entregues à Tutoria, um ao Preventório e dois na Casa do Gaiato. O pai um alcoólico mau, abandonou-os completamente, vindo a morrer depois também abandonado.

Este Joaquim que hoje vende nas ruas de Setúbal e tem quinze anos, deu-nos muitos trabalhos ao princípio. Muito refilão, muito senhor dos bens alheios, muito zaragateiro. Hoje mudou. Basta olhar-lhe para a cara e para os olhos. A Casa do Gaiato opera estas maravilhas. Faz destes farrapos da rua, homens conscientes de amanhã.

Que o Joaquim não venha com mais queixas de que os setubalenses não lhe compram «O Gaiato».

Que ele se sinta amado como se sentia em Coimbra. E o que se diz dele, diz-se dos outros vendedores. Amai-os.

XXX

Ao lado do cuidado que temes com aqueles inocentes que abrigamos nas nossas casas, deu-nos Deus o cuidado e a graça e a paixão dos nossos irmãos pobres.

Mais do que todas as outras criaturas, os nossos irmãos pobres caídos em aflições são bem a imagem do Senhor Jesus Crucificado.

Há dias, já noite dentro, passava numa das ruas apertadas e de movimento de Setúbal. Vem ao meu encontro um pequenito, descalço e cheio de frio com uma ceira na mão, que me pede a benção.

Perguntei-lhe que andava a fa-(Cont. na página TRÉS)

Já foram agui falados em um dos últimos números deste jornal, mas hoje torna-se; é que nós pretendemos educar esta gente pelo amor ao trabalho. Temos dois tecelões; o Manuel Jorge, que fazia noitadas pelas ruas da Figueira da Foz e o Banana, que igualmente as fazia na cidade do Porto. Aquele é mestre, este aprendiz.

Os dois teares produzem mais

do que o consumo doméstico. Queremos colocar o excedente e garantir permanência. Temos já dado carta e emprego a tipógrafos, alfaiates, pedreiros e mais. Agora são tecelões. É um verdadeiro rendimento social. Toca a todos e a cada um. O rapaz que se interessa deveras pelo trabalho, é garantia de um homem de bem. Isto significa camaradagem, boa visinhança, família organizada, pátria engrandecida, Deus glorificado. Eis justamente o que se pede, queridos leitores, ao pedir a cada um o interesse por esta causa.

O Manuel Jorge conta peças de 30 metros, enrola, puxa e prepara tudo como nos grandes armazens de categoria. Só falta que nos façam encomendas. Chamamos aqui pelos vicentinos de todo o país. Trata-se de um bem de dois gumes. Ficamos à espera.'

LEDE E PROPAGAI

CHALES DE

Tocou agora mesmo o telefone. Avelino estava e foi atender. Era uma senhora de Espinho que encomendara uns chales e mandou o dinheiro e vai o senhor Padre Aires manda a coisa à cobrança! Avelino depõe o auscultador e informa que este é o segundo caso! Ora o que nos vale é não sermos uma casa de negócio, porque se o foramos, desde há muito estaríamos sem freguesia, tantos os sarilhos e trapalhadas desta natureza! Com o jornal e com os livros é na mesma. Há dias chamei o Tomar e perguntei. Que me dissesse ali para eu ficar sabendo, porque é que tantos se queixam da nossa desorganização e ele replica imediatamente: os senhores é que são uns grandes desorganizados porque, em vez de se entenderem directamente com a administração do jornal e

Nortee A.

secção editora dos livros, entregam dinheiro aos vendedores e deixam dinheiro nos nossos lares e dão aos nossos padres e a todo o bicho-careta que se lhes apresenta e depois é o Tomar que as paga todas. Ora eu calei--me. Na verdade o rapaz tem a sua razão. Por isso eu estou aqui a pedir aos que mandam fazer chales em Ordins, que se entendam directamente com o senhor Padre Aires e que não mandem mais dinheiro para nós, sobretudo por causa do senhor Padre Engenheiro, que é o primeiro esquecido de Portugal. Todos os dias perde coisas. Aqui há tempos foram os óculos. Agora foi a caixa dos ditos. Vai ao Porto aviar coisas e esquece-se de metade delas. Não admira que tenha recebido as duas remessas de dinheiro dos chales e se haja esquecido de as enviar. Mandem directamente.



Aqui é Gala.

Palestra na Emissora Nacional

HEGOU a hora de dar notícia de uma Obra que há muito trazemos no peito, a saber; um abrigo onde possam morrer cristãmente legiões de inválidos sem morada certa. Vai-se-lhe dar o nome de «Calvário». O Calvário! É um nome tirado do Evangelho. É o resumo de toda a economia da Redenção. Fazem hoje falta no mundo estes nomes, estas ideias, estas obras humanas de sabor divino. Um lugar onde cada padecente leve, sim, mas não arraste a sua cruz dolorosa. Na verdade, todos compreendemos que se ele é difícil ao incurável não ter onde viva, quanto mais desesperado não ter sítio onde morrer?! Temos obrigação de meditar nestas coisas e reagir contra o estado delas. Nestas coisas airosamente alegar ignorância, porquanto os diários costumam dar a notícia do homem e da mulher que agora e logo aparecem mortos nos palbeiros. Não podemos, sim, alegar ignorância e se a fingimos, maior é a nossa culpa.

Parece que esta feição da vida social, tem escapado aos organizadores de hospitais. Não sabemos se em qualquer deles haja sido instalado o serviço permanente no caso dos incuráveis. O hospital tem a função de curar. Os leitos são para estes. O incurável não pode entrar e se, entrando, prova um caso sem remédio, deve ir-se embora. Esta é a doutrina pública. E nós agora podemos perguntar: Ir para onde? Para onde vai aquele desenganado sem casa, sem família, sem amigos, sem nada? Eis aqui a pergunta crucial. Por si só, condena ela, ou pelo menos, declara incompletos es grandes hospitais, onde se verifique a omissão.

O lugar escolhido para esta nova realização da Obra da Rua, é a quinta da Casa do Gaiato de Beire, a uns quinze quilómetros da de Paço de Sousa. No sítio mais indicado, elegemos dois hectares. O arquitecto riscou. Ao meio é a residência hospitalar, para casos que exijam uma maior e mais próxima assistência. Em redor, ficam as residências sistema de aldeamento, casas do «Património dos Pobres», tendo nós escolhido cinco tipos diferentes, para um total de trezentos doentes distribuidos por cinquenta vivendas.

Não há o criado. Não há verdadeiramente o enfermeiro. Procura-se tornar válido o inválido, para que esqueça e seja alegre. É uma obra de doentes, para doentes, pelos doentes. Temo-nos dado excelentemente com esta divisa nas casas do gaiato.

O mundo tende a colocar de parte aquilo que parece não prestar; um incurável é estorvo. O mundo mente. O mundo engana e engana-se. Na hora em que a chamada ciência se retira, começa o poder de Deus. O incurável é uma fortuna. Mais do que casas do gaiato. Mais do que «Património dos Pobres», esta edição nova da Obra da Rua, vai ser a sua maior riqueza. Cada doente traz consigo uma fortuna; não digo a da garantia do seu sustento, que seria muito importante, mas ele traz mais do que isso. Eles são páginas em sangue de teologia. Se hoje, milhares de portugueses e estrangeiros aparecem em nossas casas a ver o incrível, que será amanhã na quinta de Beire, onde Deus vai ser ainda mais glorificado?!

Mas ele existe também uma outra modalidade de assistência que o Calvário deseja e se propõe servir. São os convalescentes. O doente tem alta. Não permanece. A razão é sempre a mesma. Tornamos a perguntar; para onde vai? O Calvário espera-os. Será mesmo um ponto reconfortante para os que estiverem à frente; podem verificar dia a dia um perfeito rejuvesnecer. Observar a carne e o sangue. Ser testemunha de vista de reintegrações na vida social; e meditar que, se não fora a Obra, aquele doente curado, breve tornaria ao seu mal e até viria a morrer. Toda esta riqueza estava até agora escondida e vai aparecer na obra que Deus inspirou. Muitos doentes hão-de ter ocasião de afirmar com verdade que, não fora a existência de calvários e eles teriam morrido de penúria.

O êxito de uma obra assim não se discute. Não há homem de bem que possa duvidar. Não tem bases para isso; só por ignorância. Primeiramente, temos a oração dos homens. Além da dor que consome incuráveis e convalescentes, existe outra ainda maior: é a dos que lhes não podem valer, a começar pelos próprios médicos e pessoal hospitalar. Além destes, temos os que escutam as queixas dos arrastados. Os que lêm casos nos jornais. Os que não têm tempo para isso, mas ouvem falar. É o sentimento humano. A consciência da nossa semelhança com os outros. O conhecimento de Deus, pelo conhecimento dos homens. Sim. Ninguém duvide do seu êxito. Tal como o Património dos Pobres, que parece não haver já em Portugal sítio de vago onde erguer mais casas, também agora o Calvário vai ser o caso do dia. Noutras vilas, noutras aldeias, noutras cidades. Abram-se casas desta natureza, para que os jornais não continuem a dar a triste notícia do abandonado que cai nos caminhos por não ter onde morrer. Mas há ainda outra razão mais subida do seu formidável êxito, e esta não pode falhar; é a vontade de Deus. Ele quere que os homens se salvem e eles só o podem realizar amando.

Este é o mandamento. Ora os «Calvários» são o sítio onde os homens podem amar o seu semelhante como a si mesmo.

Estamos em frente de uma empreza onde o dinheiro é preciso. Muito dinheiro. Milhares. Mas isso não pode ser obstáculo. Nem para a construção nem para a manutenção de centenas de doentes. Nada disto é objecto de receio ou dúvidas. Os obreiros do Evangelho não põem a questão. Eles têm de caminhar por sobre as ondas, ainda quando a tempestade se forme no espírito dos homens, que são as mais difíceis de acalmar. Não podem por um momento confessar medo. Não podem duvidar. Uma vez que sentem a urgência da Obra e ouvem a palavra do Mestre, fecham os olhos, mergulham e realizam o impossível. Eis:

A fome dos que têm pão

Muitos não tomaram ainda consciência das suas responsabilidades, no campo da caridade. É pela Graça de Deus que rezamos o Pai Nosso. Temos que o viver, a começar pela primeira palavra. Só da boca dos filhos sai a doce palavra Pai. Somos, pois, filhos de Deus. Renascemos para uma vida nova, a da graça santificante, nas águas lustrais do baptismo. Somos, então, irmãos uns dos outros, o sábio do ignorante, o rico do pobre, o santo do pecador, o alegre do triste. Nesta Família Divina o verbo dar-se é o verbo da paixão e, depois, da acção. É o verbo cotidiano. Amar não é às prestações. Supõe uma entrega total. Mas isto exige sofrimento, paixão, compaixão. Chorar com os que choram, para depois enxugar as suas lágrimas. Que Deus, escreve o Padre Pedro, dê fome aos que têm pão, i. é, faça sentir aos que não têm fome o que significa ter fome, para que, talvez só nesse dia, compreendam o dever de verdadeiramente dar pão a quem tem fome. Os corações de pedra não servem para nada. Só pisam. Só esmagam. Só matam. E o Senhor ensina-nos a respeitar até a cana rachada e a torcida que ainda fumega... Coisa impossível para quem tem uma pedra no peito.

As obras de misericórdia têm de ser praticadas por todos os cristãos e não basta, neste ponto, proceder de qualquer modo, mas com inteligência e organização.

Todos concordam em que o padre, nomeadamente com cura de almas, devé ser o Amigo, o Pai dos Pobres. Apontam-se, até, sacerdotes, modelo de outros sacerdotes: se todos os padres fossem como o padre F.... A caridade não é privilégio, nem obrigação exclusiva do sacerdote.

Ganhou raízes em todos nós no dia do baptismo. Nasceu, então, a obrigação. Por isso, diante da miséria, não podem os cristãos portar-se como expectadores.

Felizmente vai sendo cada vez mais numeroso o clero paroquial que, em moldes actuais, procura fazer assistência e caridade aos seus pobres. O caminho é longo mas muitos já começaram. Seria injustiça não reconhecê-lo.

Compete aos fiéis prestar a sua colaboração pronta e desinteressada, secundar e obedecer àquele que na Paróquia representa a Igreja. A Paróquia é uma comunidade viva e operante, em marcha para o amor. Viva, possuindo a graça de Deus, recebida no Baptismo, que se procura desenvolver, sobretudo, pela vida sacramental. Operante, manifestando-se pela caridade espiritual e material, convenientemente organizada. A graça santificante é Amor. Os sacramentos são Amor. Mas este amor arrisca-se a não existir dentro do cristão, se não é operante, se não se manifesta aos outros homens em obras também de Amor, as Obras de Misericórdia. Cristo na alma-Cristo nas mãos, eis a equação dum cristão. O mundo há-de acreditar na nossa Fé, quando vir a nossa Caridade. Vede como eles se amam deverá ser dito de nós, a exemplo dos primeiros cristãos. As principais obras de Misericórdia são 14 e julgam muitos que é só dar esmola... (E já ficam todos contentes, quando sacam do bolso um tostãozinho...). Tudo é possível a quem ama. Amar em todos os tempos e modos é amar. E, quando se ama Cristo no Pobre não nos poupamos a nada, para ajudarmos a resolver todos os seus problemas.

xxxx *

Os chales de Ordins têm sido muito procurados. Encomendas sobre encomendas. E mais teríamos, se satisfizéssemos os pedidos com prontidão, pois não há melhor propangandista dos chales de Ordins, que os próprios. A fábrica tem aviado com lentidão as nossas encomendas de lã, e daí o nosso atrazo. Se tivéssemos 10 contos disponíveis, não se daria nada disto. Somos pobres a tratar de pobres, sendo todos os descontos, todos os ganhos para eles.

Mais um Gaiato que, indo ser padrinho, quere um de 60\$, fala do alcance social enorme desta obra. Recebeu-se 200\$ para a Mãe dos seminaristas. Braga encomenda um dos grandes. Vila da Rua, idem, bem como um de 90\$ e dois de 60\$. Muito se espera desta senhora. Conhecendo os nossos chales e o que eles representam de caridade e assistência, atesta que a obra é recomendável sob todos os pontos de vista. Que melhor atestado! Alijó 6, sendo 2 de cada tamanho. Para correio 30\$. Odivelas um dos pequenos. Porto um dos grandes. Aveiro 70\$ para um de 60. Que Deus vos ajude em tão sublime missão. Agora é um pedido da Africa. Nunca sonhara que voassem tão longe os chales de Ordins nas asas da fama. É Lourenço Marques com o coração pertissimo do nosso Portugal a pedir um de 90 com 100\$. Achou o artigo «Indústrias Caseiras» humaníssimo. Mais um de 60. Gaia dois de 90\$. Porto um de 60. S. João da Madeira um médio. Carviçais envia 230\$ para dois grandes. Associa-se assim a esta campanha tão humana e tão cristã. A Cantina da Polícia de Segurança Pública de Coimbra, colaborando connosco, encomenda 3 de 110, um médio e um de 60. A Conferência Vicentina de Souto da Carpalhosa, colaborando também, faz-nos uma segunda encomenda de 4 dos grandes. Uma Religiosa do Sanatório de Celas, Coimbra, envia 100\$ para um de 90. Farei o possível por pedir mais chales, já hoje falei neles. Paço de Sousa vem pelo segundo. O chale branco está muito amoroso, mas só o uso em dias mais que tais. Per isse quere mais um castanho. A propangandista de Vilar do Pinheire vem por mais 4 de 90 e um de 110. Não contente com o fogo que espalha à sua volta, vai lançá-lo à Escola Normal de Viseu. Lisboa um de cada tamanho e envia 442\$, sendo o magnífice excedente para a Conferência. Pontével vem com 750\$ para um grande, 6 médios e um pequeno. A propagandista de S. Pedro do Sul envia 100\$ para mais vo, Lisboa com um dos grandes. Agora, Amarante. É uma Religiosa com 70\$ para um de 60. Será propagandista pela certa. Porto 9, sendo 3 de cada tamanho. Valado dos Frades, Coimbra e Lisboa um dos pequenos.

Nos pedidos, indicar uma segunda côr, no caso da primeira se ter esgotado. Pedir branco, beije castanho claro e escuro, cardinal, azul marinho e preto. Pura lá sem fioco. Para haver uniformidade, não perder tanto tempo e fazer despesas desnecessárias, roga-se o favor de, ao fazer a encomenda, se enviar a respectiva importância para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins — Lagares (Douro) — correio de Paço de Sousa.

Padre Aires

AGORA

Uma senhora deu o nome no Banco Espírito Santo, deixou ficar doze contos e saiu pela porta fora. É uma casa. Não está interessada no local onde deve ser construída. Não indica determinada família que a venha a habitar. Dá sem condições. Esta maneira de dar casas ao Património dos Pobres, facilita a nossa acção. Dá-nos liberdade. Podemos pôr e dispôr; e nem sempre assim é. Tem acontecido e é frequente acontecer ofertas de dinheiro para construir casas em determinada região. Esta semana foi uma carta do Congo Belga e outra carta de Anadia. Em ambas se falava de duas casas, vinte e quatro contos cada uma, com sítio designado. Ora isto dá-nos por um lado, muita alegria. Nota-se que o amor do próximo não está totalmente arrefecido. Há a inquietação de muitos a favor de muitos. Mas por outro lado, dá--nos tristeza porquanto não podemos realizar o desejo de quem oferece. Falta-nos jurisdição. É preciso que haja o homem na freguesia indicada e isto nem sempre acontece. Não há a maioria. Não há sequer um grande número que se importe e daqui nasce vir a ficar estéril o desejo que nasceu um dia na alma de quem pretende enriquecer a sua freguesia. O bairrismo é uma coisa absolutamente aceitável. Ninguém pode levar a mal que um deseje ver a sua terra grande. Mas desde que ali não apareça colaboração, é mais perfeito construir não importa aonde, isto devido à natureza destas construções. Mais do que bairrismo importa-nos a Comunicação dos Santos, que é um artigo de fé. Oferecer uma casa sem condições é a melhor condição. Ficas com ela no teu activo. Recebes abundantemente sem saber como, nem de onde, nem de quem - mas recebes. Nós todos precisamos de ter a candeia munida quando chegar o Esposo e é por esta forma que a gente se previne. Ora nós esperamos que todos aceitem esta doutrina e cumpram. Podendo ser em sua terra natal, sim. Mas que seja em qualquer outra, não havendo lá quem. O que nós desejamos é que a casa vá ao encontro do mendi-

go, onde quer que ele esteja.

Voz do Atlântico

Vezes sem conta tenho eu gritado ao lobo, que por aqui anda à solta, sem que ninguém se aperceba dos seus estragos na juventude. Se fosse realmente um lobo de carne e osso, que arrebata galinhas e trinca meninos, já se teriam tomado as devidas cautelas, batido todas as tocas e matagais, e talvez que a cabeça do animal já andasse a peso de ouro. Mas como o inimigo a que tenho gritado, tem um nome muito mais bonito e como veste bem, todos se levantam e batem as palmas quando ele passa. E os estragos estão à vista por toda a parte. Vezes sem conta tenho eu gritado cá e ainda não fiz propósito de me calar tão cedo. Como porém noto que pouco tenho conseguido, lembrei-me de gritar também no Gaiato a ver se chego mais alto. Eu sei que o «Famoso» entra no Terreiro do Paço e é lá, que se fazem as leis.

há me-

chales

s. A fá-

lentidão

lã, e daí

emos 10

se daria

es a tra-

s os des-

ara eles.

indo ser

50\$, fala

ne desta

para a

raga en-

les. Vila

o um de

se espe-

cendo os

es repre-

sistência,

comendá-

de vista.

Alijó 6,

ho. Para

a dos pe-

grandes.

60. Que

sublime

edido da

que voas-

le Ordins

nço Mar-

issimo do

o artigo

umanissi-

a dois de

João da

vicais en-

ndes. As-

ampanha

. A Can-

ança Pú-

aborando

de 110,

A Confe-

o da Car-

também,

comenda

Religiosa

Coimbra,

90. Farei

is chales,

de Sou-

O chale

oso, mas

que tais.

castanho.

lar do Pi-

de 90 e

te com o

ua volta,

ormal de

ida tama-

o magni-

Conferên-

750\$ para

um pe-

de S. Pe-

para mais

De no-

grandes.

ma Reli-

m de 60.

ela certa.

ida tama-

Coimbra

uma se-

primeira

anco, bei-

iro, cardi-

eto. Pura

er unifor-

o tempo e

sárias, ro-

er a enco-

ectiva im-

erência de

Ordins -

orreio de

idre Aires

nos.

um de

Toda a gente sabe, se bem que nem todos tenham coragem de o dizer, que a Ilha de S. Miguel, a maior e a mais rica do Arquipélago dos Açores, está nas mãos de uma dúzia de senhores, que usam e abusam de tudo e de todos. Têm dinheiro a rodos e continuam a não fazer nada a favor dos irmãos mais pobres. Restauram-se mesas e cadeiras antigas, envernizam-se fundos de gavetas, levam-se cães aos hospitais, paga-se mal a quem trabalha de sol a sol, explora-se o rendeiro dos latifundios, enchem-se os bancos de dinheiro, queima-se sangue em salões dourados por noitadas

Para muitos destes senhores, religião e vida eterna, limita-se apenas, à procissão do Senhor Santo Cristo, e na hora da morte, mandar buscar a capa da mesma imagem para deitar pelos ombros. E infelizmente, os sacerdotes que vieram para ser a luz do mundo nem todos dão luz.

Não haveria maneira de controlar o potentado destes ricos senhores? Que venham por aí abaixo, de surpresa e com olhos de ver. Subam às nossas freguesias e perguntem àquela pobre gente de quem são aqueles terrenos. Eles apontam de um cabo ao outro da terra e respondem: tudo isto é do senhor fulano de tal. Entrem nas casas dos pohres, façam-lhe perguntas, vejam a família de Rabo de Peixe dormindo numas palhas, na retrete da caserna húmida e fria. Venham que está na hora e mais logo já pode ser tarde. Nem só as Furnas e as Sete Cidades têm que ver. Há mais buracos e furnas dignas de nota. Venham daí e quando cá chegarem. dirijam-se à Casa do Gaiato, e eu irei para mostrar tudo. Se isto não for verdade, irei então à capital de baraço ao pescoço para pedir perdão a quem de direito. Tenho também gritado ao lobo da taberna e casa das bicicletas, mas não tenho sido mais bem sucedido.

O problema do alcoól e dos alcoólicos cá na ilha é um problema assustador. As tabernas continuam ahertas, com as suas lições e cantilenas. Volto-me novamente para o Terreiro do Paço a pedir compaixão para S. Miguel. Se não há leis neste sentido era bem urgente promulgá-las. Assim é que vamos muito mal. O número dos alcoólicos aumen-

ta a cada momento. São crianças na casa dos quinze, e já chamados alcoólicos. A sabedoria popular diz sempre que é muito melhor prevenir do que remediar.

As casas das bicicletas são outros tantos lobos. Mesmo nas barbas da Escola Industrial de Ponta Delgada, aparece uma aberta a perder os rapazes. Passo por lá a pedir informações e dizem-me que é impossível fechar. Não há lei que proíba. Não sei se há se não há, mas não deve ser contra a lei, pedir uma lei justa a controlar esta iniquidade.

O mundo melhor tantas vezes apregoado, não chega enquanto não acabarmos com os males que o deitaram a perder.

Em muitos estabelecimentos estão a aparecer outros meios de perdição. Maneiras de adquirir tostões perdendo a juventude. Toda a gente se queixa; todos dizem que não vamos bem; poucos deitam a mão a segurar; todos empurram.

Eu nunca me hei-de arrepender de gritar tantas vezes ao lobo, mesmo que pouco ou nada tenha feito. Sempre alguma coisa há-de ficar. Que mais não seja fica a sugestão.

P.e Elias

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Do nosso amigo, Senhor Ventura Ferreira Oliveira, 20\$. Que Deus lhe dê saúde e para os seus. Florinda Alves da Silva paga a assinatura e diz que se sobrar alguma coisa reverte para a vossa conferência: 10\$. Maria Júlia, do Rio de Janeiro, Brasil, manda 50\$. À assinante de Ilhavo preocupada com a recepção duma certa quantia que não veio registada pedimos sossego; a importância foi recebida. Manuel Poças Junior, amigo e cliente da nossa tipografia, 20\$. De Benlhevai - que lindo nome tem esta terra! -- assinante 31.633, 20\$. Mais 20\$ de um anónimo. Metade do assinante 31.211. Um vale de correio de 100\$, de Coimbra.

Otilia Silva, Esmoriz, 20\$00. Abel Matos Ferreira, 100\$00. Assinante 24.454 de Lourenço Marques, 40\$00. José Maria da Silva, 100\$00. Isabel Barreiros, 10\$00. Assinante 259 - dos primeiros! — 20\$00. Idem, 8.147, 50\$. Idem 1.755, 10\$00. Joaquim Marques o mesmo. Assinante 9.174, idem. Georgina Baptista o dobro. Assinante 11.453, 50\$. Para a Conferência da assinante 17.022 e por alma da minha querida mãe, 40\$00. Quase todos donativos que registamos são remanescentes; e continuamos: António Negrão, 10\$00. Um assinante de Ermezinde com o dobro. Assinante 31.604, de Guijá, 60\$00. Vila Viçosa, 20\$00. Assinante 9.566, metade: gostaria de mandar muito mais mas também sou vicentina e a nossa conferência também está precisada. Não é uma vez por acaso, sempre no meio destes donativos segue o óbulo dos Vicentinos. Apreciamos, sobremaneira, estas ajudas de elevado espírito vicentino. Maria Helena Borges salda contas com o «Famoso» e se houver excedente pode ficar para a Conferência, 100\$00. António Portela Rosmaninho, 25\$.

filhos, sendo os mais velhos de sexo diferente e idade perigosa. Não há vestígios de mobília. Nada que diga ser ali habitação de gente, a não ser a presença forçada daquela família. O chefe é um pescador. Adianta-se, abeira--se e com lágrimas nos olhos procura beijar as nossas mãos! Foram três as famílias da Gala que naquela hora começaram a viver. Vi uma mãe de joelhos e filho ao peito. Não se erguia. Não falava. Soluçava. Foi assim a festa daquela tarde. Eu quisera que o silêncio fôsse a expressão destas festas em que se dá aos homens aquilo que por direito lhes

O pároco, José Ventura, vai dar começo a outras moradias. Não lhe falta terreno, nem critério, nem decisão. A um seu paroquiano que lhe ofereceu um altar, que sim senhor mas primeiramente ajude-me a fazer mais casas. Isto é perfeitamente correcto. É um raciocínio essencialmente cris-

xxx

Gulpilhares entregou mais quatro. Digo mais porque antes entregara duas e hoje abriu alicerces para novo grupo delas. Não é o Bairro. São casas espalhadas pelos lugares da freguesia. É uma integração do pobre no rico e vice-versa. É doutrina. Não somos todos membros de um só corpo?

Isto de começar novas casas na hora em que outras se entregam, é facto que se vai tornando em costume. Dentro em breve teremos a lei.

Compreende-se. Os elementos concorrem para este doce despertar: o coração do homem, violência da miséria, lágrimas dos contemplados, a presença de rou não tornar a comer nem a

Património dos Pobres

(Cont. da página UM)

um nadinha fora, na estrada que diz para o Porto e freguesia de Santa Cruz. O sítio chama-se Adémia. Juntem-se os interessados e coloquem no Banco Espírito Santo, conta do Património dos Pobres. A casa dos sacerdotes. Os C. T. T. . As Filhas de Maria. Os empregados do Ultramarino. A Casa do Liceu. Artilharia 2. O risco é do engenheiro da Câmara. Vai ser um futuro campo de acção social de todos os vicentinos da cidade. É necessário que haja entendimento entre pequenos e grandes e não afastamento. São dezoito famílias.

Tenho boas notícias do prior de Almada. A Câmara concede terreno e facilidades. Vão ser ali as casas da J.U.C. e da Junta Nacional da Cortiça. Pena é que tão tarde; vai fazer um ano que os universitários de Lisboa reuniram fundos para estas suas residências e a Junta da Cortiça também

Estivemos ontem em Almada e também demos um salto a Amora, tudo com o fim de começarmos a construir ali. A Câmara está interessada. Oferece terreno. Presta assistência técnica. Tanto o Pároco de uma como de outra freguesia já deram os passos necessários para instalar juridicamente a obra e concerteza vailhes suceder como ao Prior de Cascais o qual, tendo levado muito tempo a decidir-se, tem hoje nove casas feitas e parece que ju-

mente erguer as ofertas da Junt Nacional da Cortiça. Mostrou-s admirado e nós dissemos-lhe qu não. Que isto é o normal. Que obra do Património, é a táhua d salvação de que a Providênci hoje se serve para chamar os per didos. Os donativos mais impor tantes. As declarações mais amo rosas. Decisão. Generosidade Sacrifício. Tudo quanto a alm tem de espontâneo e de belo, ter chegado às nossas mãos com ofei tas de homens que nunca entra ram numa Igreja! Sim. Muito to rá que ver o prior de Almada en quanto se der à obra de constru ção de casas. Ele e o de Amore Estes dois e todos. Pena é que er tre tantos sejam ainda poucos construir.

na Igreja, ofereceu a maior pa

cela de terreno, situado na Cov

da Piedade, onde vamos justa

Pelas Casas do Gaiato

(Cont. da 4.º página)

berma da linha e eu em cima dos tr lhos a fazer piruetas. Vem ao long o combóio, colegas avisam-me e nada. Vai-se aproximando e eu cont nuava a fazer-me fino... Quando vini a poucos metros os outros começaras fazer barulho e eu fora da linh. Mal pus o pé em terra fui surpreen dido com um grande balde de águ fria, que pela certa foi o fogueiro qu ma enderessou. Os outros puseram-se galhofar e eu para não dar parte c fraco pus-me a rir, mas a verdade que era sem vontade nenhuma, po estreava um casaco de malha novo fiquei que nem um pinto!...

De salientar os excelentes cálcule patenteados pelo fogueiro, pois fe mesmo em chejo!

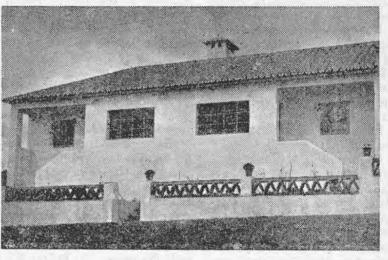
Este é que merecia uma taça, de xou-me sem vontade nenhuma de to nar a repetir a proeza...

- Com apresentação gráfica sobe ba, como é timbre da Tipografia Ma ca, que muito e muito tem honrado a artes gráficas nacionais, recebem mais um fascículo da História do Fi tebol Clube do Porto, que, como sen pre, vem recheado de preciosa colboração e com gravuras a cores, to nando a obra mais bela e mais atraer

A casa editora e autor, os nossos me lhores agradecimentos e as mais efi sivas saudações pela magnífica obi apresentada, que, no género, não ter paralelo em Portugal.

— Vou terminar, porque o tracto que vai levar os componentes do Corp Cénico a Beire, onde, daqui a pouc vamos fazer uma festa para o povo d freguesia, está prestes a partir e nã posso ficar em terra. Até à próxim se despede dos cinquenta mil leitores,

DANIEL BORGES DA SILV.



As formosissimas casas de Arraiolos

Deus. Resultado: aonde mais — mais.

Atenção a Coimbra. Temos ali um olival de 5.000 metros quadrados, e vai-se dar começo à implantação de 18 maradias. Fica

Assinante 5.099, de Parede, 20\$. Do nosso amigo Snr. António R. da Costa Peixoto, 50\$00. Assinante 9.954, 20\$00. De uma amiga da Obra para as Conferências de S. Vicente de Paulo, 80\$00. Adélia Freire Duarte de Oliveira, 5\$00. Os costumados 20\$00 de Sintra para os pobres da Conferência. E a encerrar mais 20\$ para a Conferência com o pedido de serem entregues a uma cancerosa, por alma da minha querida Mãe! Que sufrágio!

A todos, como babitualmente, os nossos melhores agradecimen-

JÚLIO MENDES

beber enquanto não fizer as precisas; tão apaixonante é esta Obra!

Os morros e cabeços de Almada são enxames de barracas com roupa ao sol, crianças sujas, mulheres andrajosas e o mais que diz respeito a estes sítios. Temos ali cinco nesgas de terreno o que muito vem facilitar o nosso sistema, a saber; juntar, em lugar de fazer classes. A cozinha da família pobre, sendo decente, dignifica-se e faz o mesmo à vizinhança. A coexistência do pobre e do rico é dos mandamentos da lei de Deus. Quem passar àmanhã por Almada, terá ocasião de ver aqui e além pequeninos grupos de casas que são o legítimo património da gente pobre. É preciso que se levantem muitas casas em Almada, para dar sentido ao Monumento do Coração de

O Prior de Almada, mostrou-se muito admirado porque um senhor da terra que nunca entrou

SETÚBAL

(Cont. da página UM

zer e onde vivia e quem tinha c família. E aquele pequenino, mu to respeitosamente com a boin rota na mão diz que anda a ped: pão para levar à mãe e que ter mais nove irmãozitos e que o pa trabalha na lota, mas agora nã tem ganho nada e que vivem n Bairro da Folha. Aquela crianç disse tudo isto com tal convicçã que nos estremeceu. A meu lad estavam dois dos nossos. Ali per to havia uma padaria. O Joaquir pega no pequenito pela mão leva-o lá e põe-lhe amorosament pão na ceira e aquele inocent agradece e parte radiante a er tregar à mãe. Naquela noite todo tiveram pão à ceia. E, se Deu quiser, e os leitores também, da qui por algum tempo hão-de te uma casa para se abrigar.

Padre Horácia

Isto é a Casa do Gaiato

Quem vier cá aos domingos, procure o edital do dia que é feito na véspera pelo chefe e colocado na porta do refeitório, depois das orações da noite. Eu li o do último domingo e dizia

EDITAL Para os dias 4-5 de Fevereiro de

COPA-Dita, Formiga e Palhaço BATATAS-Planeta e Armando COUVES-Lisboa e Peiroteu LIMPEZA—Bombeiro PIQUETE—Abel Braga COZINHEIRO—Tomás No Balneário-Casa n.º 1 CINEMA-Hoje, no nosso salão de festas haverá mais uma sessão de cinema:

ALDEIA DA ROUPA BRANCA e Abott e Lou Costello Bilhetes à venda no refeitório

Parece que este edital devia ser lido em comunidade e até em voz mais alta e mais demorada, o nome dos que nele têm obrigações. Parece que sim e não é. O documento é mui simplesmente colocado no sítio do costume. Não sei porque dinâmica, uns lêm e passam aos outros e o certo é que no domingo cada um toma o seu lugar e cumpre! E isto todos os domingos. É isto todos os anos desde que aqui me conheço. Nenhum se queixa. Ninguém refila. As couves. As batatas. A lenha. A loiça. Tudo tem naquele dia serventes especiais. Sòmente o fachina, calhando ter namoro, pede a um colega que o não tenha e este costuma-lhe fazer um jeito ficando nas suas vezes. Isto é boa camaradagem. Gosto que os nossos rapazes sejam em tudo bons camaradas. Mas o edital não é só para dar a obrigação; marca também os eventos daquele domingo. Se cinema, se jogo da bola, se passeio, e nos meses de verão, se banho no Rio Sousa. Tratando-se de cinema, o edital dá o programa. Tratando-se de bola, dá o nome dos jogadores e horas a que se joga e assim por diante. De sorte que a vida interior da nossa aldeia, como disse um estudioso belga que aqui veio de propósito com demora de oito dias; a nossa maneira de ser, dizíamos, é um campo onde as casas de educação podem vir buscar soluções de grandes problemas; e dar aos rapazes independência e alegria, que é justamente o que em regra falta em todas

Como os senhores estão vendo não falta aqui liherdade de expressão e de pensamento. Há graça. Alegria. Nós cá somos assim.

XXX

O Formiga, que deu grandes provas de futuro electricista quando era das capoeiras e ali procedeu a uma instalação, é hoje aprendiz de serralheiro e não tem perdido nada de suas natas aptidões. Tendo sabido que o senhor Padre Carlos sofre muito por causa do frio e tendo ele, o frio, apertado muito estes dias, o rapaz vai e arranja no altar um aquecimento eléctrico por tal forma eficaz que eu também o aproveito. Viva o Formiga.

XXX

Abel tem sido agora o meu volante. Vamos por aí ahaixo; por

aí além e quando chegamos longe, já muito longe da porta da nossa aldeia, quilómetros, léguas, muitas léguas, o rapaz vai e faz parar o automóvel e desce e abre a caixa de onde tira uma cesta de vime, que coloca na estrada e abre. Pombas! São pombas que ele levou do pombal. Abel fica a olhar os seus voos, seus movimentos, direcção que tomam, tudo quanto diz respeito à largada e não arreda pé enquanto as não perde de vista. Se eu levo pressa, se aquilo me causa enfado, ele não pergunta. Supõe que nada há no mundo tão belo como as pombas e eu também me parece que nada há mais importante do que deixar-lhe na alma esta mesma beleza. E deixo. E espero e não me enfado. São pombas.

Venho agora mesmo de atender o telefone e vejo sobre a mesa uma grande côdea meio rilhada. Sabe-se o que foi; um qualquer andava com ela na mão, ouviu a campaínha, vai atender, pousa enquanto fala, esquece-se e deixa ficar. Este deve ter sido o trajecto psicológico da côdea em questão. Quer dizer; liberdade de comer, liberdade de agir, alegria de viver. Isto é a Casa do

Pelas Casas do Gaiato

MIRANDA

-Há já muito tempo que o nosso Lar andava a pedir obras, principalmente a cozinha e o refeitório. O refeitório está já acabado e já nem parece o mesmo. As mesas de mármore e parte da parede coberta de azulejo. A cozinha está também já quase pronta. O pavimento desta que era em cimento, fica agora em mosaico; a parede foi toda rebocada, sendo parte também coberta com azulejo e foi comprada uma pia de mármore para lavar a

O nosso cozinheiro, Tira-Olhos, agora até nos vai arranjar uns acepipes mais deliciosos ao ver-se tão bem instalado. Ao nosso muito amigo Snr. Carlos de Sá e a uma fábrica, temos a agradecer, pois o azulejo e o mosaico que gastamos no nosso lar, todo ele foi oferecido. Muito obrigado portanto, e quando necessitarmos de mais nós lhe hateremos à porta. A senhora cá de casa não me larga. Que não tem passadeiras para estender pela casa senão uns jornais e que os rapazes com os pés não deixam passar nada estendido no chão porque não estão seguros como as passadeiras. Ora, era grande favor se alguém se lembrasse de enviar algumas, para que se cale e a nossa casa esteja sempre limpa e arrumada.

- No primeiro domingo de Fevereiro, fomos como habitualmente, passar o dia à Casa de Miranda. À tarde realizamos um desafio de futebol contra os locais, que andavam com pe-neiras de nos ganhar. Porém enganaram-se. Perderam por 7-4.

- Agora no Inverno, à noite, o nosso passa-tempo é o ping-pong. Já realizamos dois campeonatos que decorreram com grande entusiásmo. Para já, o que mais necessitamos é duma rede para a mesa. Se alguém a puder ofeecer, desde já agradecemos.

- A nossa conferência está a ser muito esquecida pelos nossos leitores e os nossos pobres queixam-se com o frio que este ano tem sido muito.

Tanta gente há que poderia ajudar as conferências vicentinas com roupas, donativos, etc. Que pena!

Ai daqueles a quem o Justo Juiz disser no Juizo Final: Tive fome e não me deste de comer. Sêde e não me deste de beber. Estava nú e não me vestiste. Se quisermos dar ao Pobre não o temos e por isso pedimos. Mas há tanta gente que pode dar e não o faz! O mundo não pode caminhar para uma vida melhor enquanto o lema não for: «Os que podem, aos que pre-

Carlos Manuel Trindade (Sardinha)

Venda do jornal no Porto

Dizia eu aqui atrazado que a venda estava a correr mal, mas agora, gra-ças a Deus, digo o contrário. O que vendemos é pouco, porque se a gente está sempre no mesmo sítio, os de Lisboa e Coimbra sabem disso e então tratam logo de nos tirar a ca-misola amarela. Por isso eu digo ao bom povo do Porto para animar e comprar mais jornais para a gente não perder o título e chegarmos aos cinco mil jornais.

Na Caixa Têxtil fizeram uma subscrição para o gaiato que lá vende, que é o Jaimito e rendeu duzentos e tal escudos. Com esse dinheiro compraram uma capa de plástico, umas botas de couro e dois pares de peúgas. Olhai para aqueles que fazem bem. Aqueles que dão para a Casa do Gaiato, dão a

Como deve ser do conhecimento dos amigos leitores, a nossa oficina de tecelagem encontra-se a trabalhar mas para que isto se mantenha, é preciso que os senhores e senhoras nos comprem o pano. Não se acanhem. Enviem um simples bilhete postal para Paço de Sousa, a quantidade e qualidade que preferem.

Por agora só temos pano crú de 90cm. e de 80 à razão de 70cm.. Por isso não se esqueçam amigos leitores. Se não se lembrarem temos de fechar a oficina, pois já temos uma enorme quantidade dele. Espero que isto que agora digo seja útil. Confio

na generosidade dos amigos leitores. Podem estar descansados que a gente só diz o que é verdade.

MARIO CORREIA RAMOS

Ajude-se o pobre a cumprir o Decálogo, que isso é justamente o preceito da caridade. Este ponto não sofre discussão.

Sendo o Património uma Obra da Igreja, não se pode proceder de maneira diferente!

É preciso notar que o pároco da freguesia onde as casas se vão erguer, é que tem a jurisdição. Estas ficam a pertencer à fábrica da igreja paroquial. Mas os vicentinos de qualquer freguesia onde não tenham casas podem ali instalar e assistir aos seus pobres. De resto o que verdadeiramente importa é resolver o trágico e pavoroso estado das famílias até aqui abandonadas. Antes de me ir embora quero aqui repetir o que tenho dito ontem e hoje a várias pessoas da ilha e o que devem fazer e a quem devem dirigir-se para entregar terrenos e en respondo: dirijam-se ao pároco da freguesia.

Tantos terrenos! Tantas parcelas de terrenos! Tantas parcelas de dinheiro! Tantas parcelas de piedade! Agora mesmo recebo um envelope a dizer: pela alma dum filho que já me morreu.

Bendito seja o Senhor Deus de Israel. Com esta palavra nos lábios me despeço com saudades de todos quantos cá ficam.

- São dez horas da noite. Subo as escadas que me conduzem ao andar cimeiro da casa três.

Depois de dar uma volta pelas camaratas, reparo que estavam completas estando numa das ditas uma cama de

Como seria esta história arranjada, disse com os meus botões. Reparo nas caras. Uma estava com a colcha por cima o não era igual às outras. Quem havia de ser?! O Senhor Marão, pois claro... Cheio de estética. Muito esticado, sabeça no travesseiro, e colcha por cima. Tive o trabalho de o acordar para o colocar no seu devido sítio, e ainda por cima me deu duas ladradelas como que a dizer: Ora estes tipos vêm para aqui incomodar a gente!

- Manhã fria, como o são todas as do Inverno. Acabado o pequeno almoço que termina por volta das oito menos qualquer coisa, todos seguem para os seus trabalhos: Sejaquim de cana na mão e os seus à frente, que são os mais pequenos, os do campo, para o campo, dos teares, na mesma, os das casas entram de fachina a esfregar e a varrer, os das oficinas, cada qual para o seu

Os da tipografia, que é em separado e a oficina que emprega mais gente, lá vão todos animados, parecendo que vão para alguma romaria.

Chegados que são à porta da oficina, dão com uma franga, que passou e noite ao relento, encostada à porta da mesma, como que a pedir guarida. Os tipógrafos que gostam muito das aves, primeiro indignaram-se contra o das capoeiras, mas depois lá compuseram a coisa da melhor maneira. Arranjaram palha, puseram-na atrás dum cavalete e no meio da mesma a franga cheia de frio.

O Zé Fabião, foi buscar couves, Neca Bigodes umas migalhas e toca de preparar o comer para a franga. Esta para ser grata, resolveu não mais sair da oficina.

Entra o Pai Américo e repara. Contamos-lhe a história e ele pôs-e a rir. Depois disse que la fazer queixa ao das capoeiras: Vocês acaçaram o frango mas eu vou fazer queixa. Se fosse com o Formiga vocês não levavam a melhor.

Agora quando lá vai, antes de ver o milhafre, vai procurar a franga. O Tino tentou, às escondides, fazer uma arrozada dela, os compositores souberam e as coisas estiveram tremidas. Parece-me que disse aquilo em ar de brincadeira, mas os compositores é que não a apreciaram lá muito.

Por fim a franga foi roubada e os tipógrafos estão mais escamados do que baratas.

E agora estão os tipógrafos tristes e o Pai Américo contente!

- Ontem, dia 11, chegou o Carlos Rebelo Gonçalves, a quem tivémos o prazer de abraçar. Está mais magro e mais moreno. As suas primeiras palavras foram para cumprimentar toda a nossa numerosa família, à qual por fortes laços pertence. A seguir, de que se encontrava muito cansado e que passou uma grande parte da viagem

Encontra-se há três anos na Zambézia, onde trabalha na Sena Sugar Estates, L.da . Disse-nos que tinha muitas saudades: de todos, da nossa aldeia, da capelinha onde todos os dias elevamos, em comunidade o pensamento até ao Alto, com a recitação do terço. Este é sem dúvida alguma a mais vital força duma família. E quanto maior é, mais responsabilidades con-

Visitou na minha companhia, logo, tudo e todos cumprimentou. Trouxe--nos juntamente, saudades do Amadeu, Zé Poveiro, António Teles, de todos os outros irmãos que lutam para vencer na vida.

Por intermédio do « Famoso » cumprimenta os nossos milhares de amigos de Portugal e estrangeiro.

- Aqui há tempos vinha eu dum desafio de futebol, de Paredes. Vinham também alguns colegas. Eles vinham nos carreiritos que se encontram na

(Cont. na pág. TRES)

Palestra na Rádio da Madeira

Estamos precisamente na hora de regresso e é difícil dizer qual foi de todas a melhor impressão, porque todas foram da mesma natureza. Não há escolha. Somos testemunha de vista e de ouvido.

Durante umas escassas horas dos dias de sexta-feira e sábado da semana passada, tivemos ocasião de bater a várias portas e todas disseram que sim. É difícil encontrar-se um dar mais hila-

Em alguns casos o cheque já estava pronto.

De muitos lábios ouvimos a palavra amiga -- «já estávamos à sua espera», e em todos os semblantes havia a transparência duma alegria perfeita. Cumpriu-se assim em toda a parte as palavras do Espírito Santo: é mais feliz quem dá do que quem rece-

O sucesso estupendo destas nossas passadas, deve-se ir buscar ao fundo dos corações, que é a Pátria do arrependimento. Todo o homem assim tocado, é capaz de produzir acções altas e generosas, de contrário se não experimenta tais sentimentos, é sempre em toda a parte um diminuido. Os madeirenses escutaram a doutrina do Património. Cada um tomou sobre si a extensão da culpa que lhe cabe. Todos deram do que é seu. Arrependeram-se. Mais uns tostões e teríamos chegado aos duzentos contos.

Graças a Deus! Para não falharmos à regra de outros povos onde temos levado a boa nova, também aqui aparecem as dádivas escondidas que nem a mão esquerda fica a perceber o que a mão direita faz, como ensina o Evangelho.

Foi assim que uma senhora desconhecida fez entrega de 20 contos ao Rev.º pároco da Sé.

Felizes os pés que assim se-

meiam o bem! Como não há-de Deus amar quem assim ama?

Também já começaram ofertas de terrenos para construção. Duas parcelas de cem metros quadrados cada uma, ficam na berma da estrada por onde se vai para o Monte e hoje mesmo (e com que alegria o digo aqui) começou o mestre de obras a cortar pedra para o fundamento das quatro primeiras residências; por sinal de um penedo que fica a dois passos de distância.

São as primícias. Todas quantas lhe sucederem, se não forem iguais em tamanho, são certamente da mesma natureza. É o amor! É o amor de Deus que faz erguer esta sorte de casas. O sítio onde elas vão subir, vai ser assinalado com uma tabuleta onde se lê Património dos Pobres. É a bandeira da paz de Cristo! Quem passar que faça pausa e se alegre com a presença de Deus entre os mortais. Desta maneira, as casas vão ser brevemente ocupadas, para que assim o povo veja e apalpe e sinta e se arrependa ainda mais, de tão tarde ter começado. Afinal de contas nota-se agora que as dificuldades residiam uni-

Além destas duas faixas de terreno de cem metros cada, obtivemos mais uma no coração da cidade, que se comporta em 600. Mais casas. Mais riqueza na cidade. Mais vida melhorada!

Não devemos cair no erro de faltar com o espaço nem com bons materiais. São casas para pobres. Devem ser sólidas para garantir duração. Estas que vamos construir, constam de cozinha, três quartos, uma saleta e arranjo sanitário. Temos de fazer todo o possível para evitar a promiscuidade. Custem elas mais dinheiro, que isso não importa; mais subido é o valor moral.

27 777

camente na indecisão!

Tanto amor.